

Bê-Bê-Bei Bá-Bá-Bau

Pedro Leonardo de Lucena Rodrigues

Vem ao meu encontro, esbaforido, afogueado, olhos esbugalhados, pedindo-me ajuda. Alguns segundos até reconhecê-lo, dada a surpresa, ao abrupto da situação, e de não vê-lo há cerca de dez anos, quando, sem aviso, deixou de vir às sessões. Agora, também sem aviso, borbulhando de ansiedade, reaparece na sala de espera. Quando manifesto a intenção de ir apanhar a agenda, apela ao pai eterno e suplica:

— Já, nem que seja por cinco minutos.

Mal acomodado na poltrona, aos pulos e gesticulando bastante, inicia o relato do que, para ele, era o motivo de suas aflições. Começa se desculpando pela longa ausência:

— Há tempos estava para voltar, mas você sabe como é, eu querendo vir e puf- puf- puf- puf ...

Eu não sabia como era, nem o que era “puf- puf- puf- puf”. Imaginei.

Ele continua:

— Agora não deu mais para agüentar, eu tô que tô, assim, é para se lascar. Você se lembra de fulana, eu chego lá e digo: — Mas Fulana... — e não adianta, é: “pei-pei-pei-pei”, mas não adianta argumentar, eu chego e digo: — E aí? Aí ela diz: — “Não! Tenha calma, bê-bê-bei , bá- bá- bau.”

— Como é que é? É assim?

— Bê -Bê-Bêi, Bá- Bá- Bau? FULANA!

— Me ajude não agüento mais. Tá vendo como a situação é grave?

Se existisse cabimento, cabimento literalmente, começaria perguntando pelo “puf- puf- puf...”, mas não havia. Havia, sim, a tentação de compreender, diante da qual lembrei da Tópica do Imaginário, onde Lacan dizia que uma das coisas que mais devemos evitar é compreender muito, compreender mais do que existe no discurso do sujeito. “Interpretar é imaginar que se compreende, não é de modo algum a mesma coisa. É exatamente o contrário”. Para ele, Lacan, é na base de uma certa recusa de compreensão que empurramos a porta da compreensão analítica.

Esse pensamento tem o efeito de me apaziguar, mas não por muito tempo, aliás, por pouquíssimo tempo diante dos perrepepéis e dos porrapapéis

que prosseguiram. Daí lançar mão, até pela contigüidade, de outro trecho da Tópica do Imaginário, quando se fala de um certo Karl Bühler, cuja teoria distingue três etapas na linguagem.

Inicialmente, o nível do enunciado como tal, que é quase um nível de dado natural. Estou no nível do enunciado quando digo a uma pessoa a coisa mais simples, um imperativo, por exemplo. É nesse nível do enunciado que é preciso colocar tudo o que concerne à natureza do sujeito. “Um oficial, um professor, não dará sua ordem na mesma linguagem de um operário ou de um contra-mestre.. Num imperativo qualquer há outro plano, o do apelo. Trata-se do tom no qual esse imperativo é dado. O mesmo texto pode ter valores completamente diferentes, segundo o tom. O simples enunciado *pare* pode ter valores de apelos completamente diferentes. O terceiro nível é propriamente a comunicação, o de que se trata, e sua referência com o conjunto da situação.”

Comentando o caso “Dick”, de Melanie Klein, Lacan localiza no segundo nível, no apelo, o seu problema, aliás, na ausência de apelo; diz que o sistema pelo qual o sujeito vem se situar na linguagem é interrompido no nível da palavra; agrega que é um sujeito que está aí e que, literalmente, não responde. A linguagem não envolveu seu sistema imaginário, excessivamente curto. Os botões, o trem, o escuro. Para ele, Dick, o real e o imaginário são equivalentes.

Já o sujeito que está à minha frente apela, mais do que isso, ele só apela. Há uma pletora de imaginário que, praticamente, esmaga o simbólico.

A certa altura escuto “dar uma peiada” e, de forma retroativa, chego em peia e penso ter compreendido o sentido de “pei-pei-pei-pei ...”

Cobros ao meu imaginário. Vem-me um trecho do seminário *A Relação de Objeto e as Estruturas Freudianas* em que se cita o Sr. Isakover, que insistia na predominância da esfera auditiva na formação do Supereu: “Que o Sr. Isakover tenha feito observações igualmente interessantes e pertinentes sobre a forma na qual pode se manifestar algo cujo alcance podemos apreender numa espécie de aparelho, de rede de formas que constituem o supereu, ele vai captá-lo nos elementos em que o sujeito ouve espécies de modulações puramente sintáticas, falas vazias, já que se trata apenas de seu movimento e em movimentos com uma certa intensidade, podemos captar ao vivo algo que deve se referir a este elemento absolutamente arcaico: a criança deve falar em determinados momentos, integrar momentos absolutamente

primitivos, no momento em que ela não percebe da palavra do adulto senão a estrutura, antes de perceber seu sentido.”

Mas não há elaboração teórica que resista aos *pufts, pafis, assim não é possível, puta que o pariu!* Que jorravam, não desatadamente, apenas por obedecer a uma forma.

Apelo por apelo, apelo eu a Lacan nos seus finais :

“Os não incautos erram”

“Eu te demando que
tu recuses o que
te ofereço”

Porque não é disto que se trata.

Sobre essa observação me sento e penso ter acomodado toda a minha compreensibilidade, quando passo a escutar:

— Muito obrigado, graças a esta “nossa conversa”, eu já sei o que vou fazer. Vou botar para fuder!

Implicado na transferência, já fui acusado por sintomas tão antigos que provocaram a própria vinda do sujeito que deles padecia, para deles me falar. Pouco a pouco, eram a mim que os sintomas eram endereçados. Daí a ser o causador, apenas um passo. Já fui responsabilizado pelos atos dos mais ignominiosos aos mais sublimes, passando pelas patifarias mais deliciosas.

Agora era pior. Eu não sabia o que era, o que tinha sido nem o que iria acontecer a partir da “nossa conversa”, isto é, o que eu havia mandado ele fazer.

Como desconhecimento não é ignorância, arrisquei:

— Botar pra fuder?

Como resposta, ouvi inapelavelmente, incauto, irremediavelmente ignorante:

— Sim, vou chegar lá e Bê-Bê-Bêi, Bá-Bá-Bau .

Frase núcleo:

Vem ao meu encontro ...